

MUSEU DA PESSOA

História

Ler é descobrir o mundo

História de: [Fábia Cavalcanti de Oliveira](#)

Autor: [Érika](#)

Publicado em: 17/06/2021

Sinopse

Entrevista de Fábيا Cavalcanti de Oliveira. Infância com a avó no município de Pilões na Paraíba. Trabalhos como professora. Bibliotecária. Estudo de Letras e Pedagogia. Projetos educativos. Interesse na promoção e incentivo da leitura. Educação Infantil. Filhos. Reflexão sobre o ato da leitura na promoção da cidadania.

História completa

Instituto Camargo Corrêa Entrevistada por Fernanda Prado Depoimento de Fábيا Cavalcanti de Oliveira Guarabira 16/05/2011 Realização Museu da Pessoa Entrevista ICC_HV035 Transcrito por Tânia Lima Revisado por: Luciane Recieri P/1 — Fábيا, boa tarde! R — Boa tarde! P/1 — Eu queria começar pedindo pra você falar pra gente, o seu nome completo o lugar onde você nasceu e a data do seu nascimento. R — Fábيا Cavalcanti de Oliveira, 21 de fevereiro de 1975, no município de Pilões, Paraíba. P/1 — Qual o nome dos seus pais? R — Minha mãe é Maria da Penha Cavalcanti de Oliveira e meu pai, Damião Joaquim de Oliveira. P/1 — E qual a atividade deles? R — Meu pai faleceu quando eu tinha 13 anos e a minha mãe é copeira. P/1 — E como era a sua casa? Você tem irmãos? R — Tenho quatro irmãos. P/1 — São mais velhos, mais novos? R — Todos mais novos. P/1 — Você é a mais velha? R — A primeira. P/1 — E como era Pilões na sua época de infância? Como era a sua casa? R — Bem, minha mãe separou-se quando eu era muito pequena e ela teve que ir para João Pessoa e me deixou com minha avó, aí, fui criada pela minha avó e a minha mãe foi morar em João Pessoa. P/1 — E a sua mãe foi trabalhar? R — Foi trabalhar. P/1 — E ela foi trabalhar de copeira em algum lugar, casa de família? R — No início, foi trabalhar numa casa de família e hoje ela trabalha na TV _____, que é um instituto do Estado, um órgão do Estado. P/1 — E como era a casa da sua avó? Ficaram todos os irmãos com ela? R — Não. Do primeiro casamento da minha mãe, só tem eu. O restante é do segundo casamento dela. E a casa da minha avó _____ ela era viúva, então, era só ela e eu pequena. Apenas um quarto, simples, sem muita _____ somos de família pobre, sem muito luxo. P/1 — Então, os seus outros irmãos foram nascendo e ela morava lá em João Pessoa? R — Foi. Foram sendo criados lá. P/1 — E qual era a sua relação com eles e com a sua mãe? R — A gente se dá super bem. Não tem assim, essa distinção. Nas férias, ou eu ia passar lá ou eles vinham passar em Pilões. Feriados _____ tudo, a gente sempre está junto. A gente não se sente filhos de pais separados. A gente é uma família, porque a gente tem uma prioridade que é a família e que a gente tenta passar para os nossos filhos. P/1 — E como era Pilões na época que você era pequena? O que você lembra que tinha de peculiar? R — Na minha infância? P/1 — É... como foi? R — Hoje a minha filha tem nove anos e ela ainda não sabe o que é uma infância. Hoje, a criança se liga muito nesses computadores, jogos, entre outras coisas. Na época da minha infância, o que eu recordo é que quando chovia, era uma festa pra gente ir pro meio da rua tomar banho de chuva. Jogar bola no campo, brincar de panelinha, então, coisas de infância que a gente tinha que, hoje, a criança deixa muito essa questão do brincar. Ela visa muito os jogos. “Ah, eu vou querer aquele relógio, aquela maquiagem...” a gente não! A gente era pra brincar mesmo... brincar de boneca! Eu brinquei de boneca até os 12 anos! Minha filha hoje não quer mais brincar de boneca, com nove anos. Então, eu tive uma infância muito boa, agradeço todo dia à minha avó por isso, porque ela sempre “butava” na prioridade dela, eu em primeiro plano, depois a minha infância e a minha educação. P/1 — Do que você gostava mais de brincar? Quem eram os seus amigos? R — Eu sempre fui de fazer amizade fácil e são amigos que tenho até hoje, mas, sempre fiquei com uma prima minha, Lázara, o nome dela. Além de ser prima, a gente foi criada junto, porque morávamos perto e hoje é uma das amigas que vem de lá até agora. É daquela que quando eu estou doente, a gente chora junto, quando ela está _____ a gente chora, a gente brigava, temos opiniões diferentes, mas a gente sempre está junta uma da outra. P/1 — E do que vocês gostavam mais de brincar? R — É feio! [risos], quer dizer, não é feio... A gente adorava brincar de carro com os meninos! [risos]. A gente brincava de boneca, mas o que a gente mais gostava de brincar era de carro com os meninos. [pausa] R — Tu não achas melhor ir pra uma outra sala? Lá em cima tem uma, é até melhor _____ porque não para. P/1 — Não. Agora a gente consegue? R — É porque, aí, vão ligar a furadeira também. P/1 — Não. Eles não têm energia. R — Vão, ué! [risos]. P/1 — Não, vamos continuar aqui _____ Então, você estava contando pra gente _____ R — Então, a gente gostava de brincar de carro e, assim, quando eu falei que era feio, era porque o que a gente mais gostava, era quando os meninos chegavam com um carro novo. Aí, a gente ficava olhando assim e a intenção era tomar o carro do menino e ir pra casa com o carro. Aí, consequentemente, a gente voltava pra devolver, porque os nossos pais obrigavam. Minha avó, no caso: “Vocês fizeram uma coisa feia. Você vai devolver!” A gente devolvia... só que todo amassado! Então, assim, o que a gente mais gostava _____ que era num dique, onde lava o carro e essas coisas. Lavar carro grande, né? E a gente ia com os carrinhos pequenos pra lavar lá também. As bonecas, a gente brincava, gostava, mas, não tanto quanto brincar de

carrinho com os meninos e bola de gude também. A gente adorava brincar de bola de gude com os meninos. P/1 — E qual a primeira lembrança que você tem da escola? R — Minha professora. São pessoas que passaram e que hoje ainda tenho lembrança. São três, que eu não sei dizer qual delas, teve uma participação mais especial na minha vida, foi a professora Fátima Roque, tanto que hoje, a minha filha também cursa a mesma série com ela, uma questão de honra minha e teve uma que peguei por três meses só, professora Zefinha, depois ela adoeceu e a professora Rosilda a substituiu e são pessoas que têm um significado muito importante na minha vida na questão de educação, do ler _____ foram elas. P/1 — E o que você lembra dessa escola? Como ela era? O espaço da escola, as atividades, as pessoas _____ R — Bem, era uma escola do Estado, o espaço era pequeno, e as atividades não são como aqui, que existe um parque, aquelas coisas que eram privadas. Não era questão de privada, era questão que não tinha, então era muita a questão do escrever e ler. A gente tinha pouco espaço de tempo, na hora do recreio _____ então, tem uma parte ao lado da escola, que a gente usava pra brincar de baleada, de bola de gude, pular corda _____, mas, aí, é questão de 15 minutos, só. P/1 — E você lembra do seu primeiro dia de aula como foi? R — Lembro. P/1 — Como foi esse dia? O que você sentiu? R — Eu? Ave Maria! Quase que eu não parava de rir dentro da sala! P/1 — Por que? R — Porque eu estava de lancheirinha de lado, estava com uma bolsinha, e, assim, a magia daquele momento... foi o primeiro dia de aula, com a minha primeira professora, numa escola particular. Foi a professora Lenira. Foi mágico! Quando eu chegava e olhava, porque era aquela turminha me olhando e eu olhando pra todo mundo, eu não parava de rir! Eu estava superfeliz! P/1 — E teve _____? R — Teve. O nome da escola era Do-ré-mi-fá, eu me lembro da farda que tinha os coelhinhos, ah, eu me lembro de todos os passos. P/1 — E você ficou nesta escola particular durante um tempinho? R — Só um ano. Ela só funcionava para Educação Infantil e, no caso, eu tinha cinco anos. Aí, com seis anos já fui matriculada na escola do Estado. Lá na cidade não oferecia escola particular e a gente só podia estudar na escola do Estado ou Município, aí, eu fui matriculada com seis anos na escola do Município. P/1 — E você sentiu muita diferença de escola? R — Não, porque assim, quando eu cheguei na escola do Estado, era pra eu ir para a primeira série e já não fui por conta do meu nível que já era um pouco mais avançado. A minha avó sempre fazia com que a gente lesse muito em casa: “Ah, não vai fazer isso. Então, vai ler! Faz uma carta pra mim!”, então, o intuito dela sempre da gente escrever de “butar” a gente na escola, era pra gente fazer carta pra ela, para os filhos que moravam longe, essas coisas e quando eu fui pra escola do Estado, aí, eu tive que adiantar uma série, lá eu nunca cursei a primeira série por conta que o meu nível já era bem adiantado pra turma. P/1 — Nossa! E o que você sentiu quando você já pulou pra segunda série? R — Ah, aí, foi outro momento mágico na minha vida e a minha filha repetiu isso agora também. Ela não cursou a segunda série, ela já foi direto pra terceira, mas, para mim, foi um momento mágico, foi uma coisa assim que eu me senti! Na hora eu ficava olhando assim e a minha prima, também, era da mesma idade, aí, eu dizia: “Eita, tu ficou na primeira série”, “Ah, eu passei esse ano, vou estudar contigo!”, mas era aquela coisa de alegria e também, assim, porque eu olhava para os meus coleguinhas e nenhum tinha conseguido e eu tinha conseguido ir pra uma série sem nem cursar a outra! Então, foi um momento bem bom. P/1 — E você falou dessas três professoras que te marcaram. O que delas marcou em você? Por que elas tiveram essa importância? R — Porque, assim, elas sempre cuidavam muito da gente. Elas tinham uma preocupação muito grande com a questão da nossa leitura. A gente lia muito, tem até um livro que eu lembro até hoje da Maria da Piedade, “Parábola do Semeador”, eu não podia mais ver essa leitura na minha frente, porque a gente lia muito. E a importância que elas têm, é porque foi através delas e da minha família que hoje eu cheguei onde estou, porque se elas não tivessem incentivado, se elas não tivessem motivado, se elas não tivessem tido essa participação, eu acho que eu não estaria aqui, como educadora ou como bibliotecária, não sei, eu acho que a participação delas foi assim, superimportante! Porque um professor é importante na vida de uma criança e, principalmente, quando você aprende a ler com ele, quando ele exige de você, porque, quanto mais o professor exige, na hora, a gente diz que é chato, mas a gente só vai saber disso depois. Então, essa exigência, essa cobrança, essa preocupação delas, fizeram com que eu crescesse. Conseguisse chegar onde estou. P/1 — E você estudou nessa escola estadual bastante tempo? Era perto da sua casa? R — Era perto da minha casa. P/1 — E você estudou lá até quando? R — Até a quarta série, porque era só da primeira à quarta série. P/1 — Aí, você seguiu estudando? R — Aí, segui estudando. P/1 — No quinto ano teve que fazer admissão? R — Não. Lá não tinha admissão. A gente já ia direto. Sim, aí na quarta série fui contemplado com uma bolsa de melhor aluna, porque lá, o prefeito sempre tentava incentivar, então, da quarta série, quem tivesse a melhor nota no final de ano ganhava, na época, uma Caderneta de Poupança e eu fui premiada. Tanto na quarta série como na oitava série. P/1 — E aí, como foi a emoção? R — Aí... a emoção nem fã! Foi grande! Na época da oitava série, eu estava concorrendo com pessoas que eram oriundas da escola particular, então, você sabe que o nível é bem mais avançado o que o nosso, né, mas, na hora lá, as minhas notas sempre foram _____ porque em casa a regra sempre foi estudar, estudar e estudar. Brincava, mas tinha as horas de brincar e tinha as horas de estudar. Às vezes, a gente até tentava fugir, né, pra fugir um pouquinho, mas não tinha jeito, era só mais estudar. Então, era uma emoção lá porque eles reuniam todo mundo no pátio da escola: “Agora vai sortear de cada turma a melhor”, então, quando chamaram o meu nome, eu nem acreditava. E quando foi na oitava série, eu também não acreditava que eu estava sendo contemplada mais uma vez. P/1 — E você ganhou alguma coisa especial da sua avó? Ela te deu algum presentinho? Você gastou esse dinheiro, você guardou, o que você fez? R — Na época, ela comprou um bujão de gás. O vasilhame completo! Que eu ainda tenho até hoje, né, [risos], casei e ele foi passando, mas eu tenho até hoje o presente, porque ela comprou um bujão de gás! [risos]. Estava precisando e ela comprou com esse dinheiro. O da oitava série, que, na época, se não me engano, foi R\$30,00, alguma coisa assim, eu não lembro bem o valor. P/1 — Certo. E depois então, você sentiu muita diferença quando mudou da quarta série para quinta série, que aí, deixa de ser um professor para ser vários, você mudou pra alguma outra escola? R — A escola era a mesma, assim, o prédio. Mudava só o nome, mas o prédio era o mesmo. Então, a dificuldade era porque era à noite e eu levei um choque grande, porque a primeira vez que eu fui pra quinta série, acostumada a estar numa escola de primeira à quarta série, a gente levava o lanche, essas coisas, e eu fui de lancheirinha à noite pra escola e todo mundo lá zoando e eu lá com a lancheirinha, toda empolgada. Eu e minha prima, porque a gente achava que era do mesmo jeito à noite. Quando começou a fazer essa troca de professor, aí, eu olhava assim pra ela e dizia: “O quê é isso? Todos se apresentam no mesmo dia? Quantos professores ensinam a gente?”, ela disse: “Não sei!” Aí, quando começou a apresentar as disciplinas, eu dizia: “Mas não é só um professor? Por que tudo isso?” E até a gente se habituar, foi estranho. Eu achei, não muito, mas eu tive dificuldade, porque eu achava estranha a forma. P/1 — E o que mudou no seu dia a dia ir estudar a noite? Você fazia alguma atividade de manhã? R — Fazia. Bordado, pintura, crochê e datilografia. P/1 — Tudo isso você aprendeu como? R — Com cursos lá na cidade. A cidade sempre oferece esses cursos, então, de manhã eu ficava em casa, à tarde ia para um curso e à noite ia pra escola. Aí, eu fiz primeiro crochê, depois fiz pintura, bordado, datilografia, aí, foi o tempo que eu comeci a jogar vôlei também, aí, à tarde, eu dividia o tempo com a quadra. Então, era sempre jogando ou em algum curso. P/1 — E isso foi durante o Fundamental 2 todo? R — Todo. P/1 — Qual dessas atividades você tem mais saudade de fazer, entre crochê, bordado, pintura _____? R — Pintura. P/1 — E o que você pintava? R — Pintura em tecido. Eu adoro pintar em tecido! Então, eu não escolho, alguém fala: “Pinta isso aqui pra mim no tecido”, eu pinto! Adoro pintar em tecido! P/1 — E você vendia para ajudar a sua avó? R — Não, porque, quem oferecia o curso, a gente não entrava com nada, mas no final, quando você aprendia e se você fazia bem aquele trabalho,

você produzia algumas coisas pra que aquela pessoa vendesse e depois começasse a ensinar outras pessoas também. Crochê eu fazia muito bem e até faço ainda, mas, eu não tinha muita paciência não. Aí, a pintura não! Com a pintura eu me soltava. O bordado também eu faço, mas não sou muito chegada. P/1 — E na hora que chegou o final do Ensino Fundamental e foi para o Médio, você chegou a escolher alguma carreira já, ir pro magistério _____.? R — Não. P/1 — E você fez o quê? R — Lá na cidade não oferecia o segundo grau, então, a gente tinha que se deslocar ou pra cidade de Areia, ou para a cidade de Guarabira. Se você se deslocasse para cidade de Areia, você tinha que pagar o transporte e para cidade de Guarabira, a Prefeitura arcava com o transporte. Só que era uma polêmica, porque, assim, eu tinha 14 anos e para vir para Guarabira sozinha à noite, todo mundo estava achando errado, mas aí, eu dizia: “Todo mundo vai”, a minha avó dizia: “Todo mundo vai. Como é que a gente vai fazer?” e passaram as férias, era uma polêmica, porque então eu teria que morar em João Pessoa com a minha mãe. Só que tinha contato, férias o final de mês, era com a minha mãe, só que não era a mesma coisa de ser criada pela minha avó, então, eu tinha mais um apego, mais um carinho com a minha avó e não queria deixá-la e não queria morar em João Pessoa, porque todo o meu círculo de amizade, minhas amigas, estavam na cidade. Ninguém ia sair, aí, depois ela decidiu: “Você vai ter que ir, depois Lázara vai ter que ir também. Então, vamos dar esse voto de confiança a você!” Aí, eu vim estudar em Guarabira em 1989. P/1 — E você ficava indo e voltando todos os dias? R — Todos os dias. E não era só a questão que era à noite, é porque lá, pra chegar a Pilões, tem uma serra e não era asfaltado e quando chove muito, ninguém conseguia subir, ou então, muitas vezes, a gente subia a pé. Muitas vezes a gente veio de caminhão, de trator pra cá. Você nunca escolhia o transporte e não era questão que não tinha, era porque, na hora, o que passava era aquilo. E muitas vezes, a gente vinha de ônibus para Lagoa Grande, Areia, descia a Lagoinha para chegar aqui em Guarabira e, na volta, quando a gente tentava arriscar para chegar em casa mais rápido, a gente ficava atolado e andava 10, 12 quilômetros a pé na lama! Mas, foi com essa dificuldade toda que eu concluí o Ensino Médio em 1992. P/1 — E você já tinha alguma ideia, algum sonho do que fazer quando se formasse? Quais eram as suas perspectivas? R — Não, eu ainda não tinha pensado em nada disso. Aí, quando eu terminei, fui pra João Pessoa, porque aí, foi a época também que eu comecei a namorar e a minha avó não queria lá na cidade pequena, essas coisas, aí, quando eu cheguei lá eu fui fazer um curso de Enfermagem, prestei vestibular, passei no Santo Emílio de Rodat, só que eu fiz um ano, quando chegou a hora do estágio, eu lembro como hoje, eu estava no elevador, aí, chegaram com uma maca, aí, eu disse: “Eita, tá doente?”, aí, o rapaz olhou pra mim e disse: “Não, ele morreu!”, e aquilo para mim foi um choque, o elevador foi ficando pequeno, eu fui passando mal e corri do curso e até hoje não voltei. Aí, voltei para Pilões, foi um tempo que a minha avó adoeceu e eu estava trabalhando, trabalhei com hotelaria, né, na época lá, aí, voltei para Pilões e, quando eu voltei, falei: “Vou fazer vestibular”, aí fiz para Letras. Passei, aí, no resto da minha família já tem professores, foi quando surgiu a oportunidade do concurso lá em Pilões, eu fiz (pra Agente Administrativo?) e passei. Aí, depois eu digo: “Nossa, eu vou me formar em Letras”, e comecei a ensinar lá na cidade também, comecei a ensinar História, depois fui ensinar Português, mas, sempre através de contrato ou alguma coisa, e, aí, foi quando surgiu o concurso daqui, eu fiz e passei. Aí, comecei a me encantar pela área e comecei a cursar Pedagogia também pela UFPB [Universidade Federal da Paraíba]. P/1 — E como que você escolheu o curso de Letras? Como que você decidiu fazer? R — Porque, para a gente que morava em Pilões, se fosse para você estudar aqui em Guarabira, você só tinha essa opção ou Letras, Geografia, ou História. P/1 — Licenciatura? R — Licenciatura. Como, na época, História, gosto bem longe, Geografia também gosto, mas _____ e Letras, eu adoro ler! Eu sou encantada por literatura, adoro, então, desfiz o curso porque eu pensava em professora de português, principalmente, na área de P/1 — E na faculdade de licenciatura, você teve que fazer estágio, não é isso? Esse foi o seu primeiro contato com o aluno? R — Não, porque lá em Pilões eu já tinha, mesmo sem ser formada, comecei a fazer também o projeto Logos Dois, lá na cidade, mas, mesmo sem ser formada, o pessoal sempre me viu assim, como uma pessoa muito inteligente, capacitada, responsável e eu comecei a dar aula particular de reforço em casa e depois, o Prefeito precisou lá de uma professora para cobrir a licença de uma pessoa e ele falou: “Faz o teste”. E esse teste que eu fiz, fui ficando, fui ficando e fiquei. P/1 — Então, você já dava aula antes quando você optou por fazer a licenciatura? R — Licenciatura. P/1 — E como foi o seu primeiro momento em sala de aula? O quê você sentiu quando você viu uma turminha toda olhando para você, com aquela expectativa _____.? R — Uma turmona, porque a primeira vez que eu entrei para dar aula, foi numa turma de quinta série. Nossa! Eu pensei duas vezes ainda: eu olhei pra turma, aí, olhei pra porta, e pensei: “Eu vou correr”, porque eu achei, no momento, que eu não estava capacitada, literatura, sou encantada pelo universo das letras. Aí, Letras veio a calhar, na época. para aquilo. Sério, eu olhava para turma e olhava pra porta. Eu dizia: “Agora eu não fico aqui não, eu vou correr!”, mas aí, fui conversando aos poucos e, aí, a gente vai se aprimorando, vai tendo contato e vai gostando. Vai gostando, vai gostando e fui ficando. Aí, eu tirei a licença de três meses, depois tirei mais três e fui ficando. Os alunos também já foram tendo contato, foram gostando, até porque, quase da idade deles, né, tinha alunos com 16, 17 anos e eu tinha 18, então, eu tentava falar a mesma língua que eles, para não bater de frente e eles foram gostando também e ali eu fui ficando e me aperfeiçoando. P/1 — Fábria, como que você montou o seu jeito de dar aula? Você pegou que tipo de influência? Das características das suas professoras passadas, o quê você acha que é importante manter? R — Das características das professoras passadas, elas sempre exigiam muito, mas, sempre deixavam a gente livre para fazer opções. Elas mostravam muito o que era o certo e o errado. Lógico que elas queriam que a gente seguisse o certo, mas se você optasse pelo errado, elas respeitavam a nossa opção. Eu acho que isso é importante na sala de aula você respeitar a individualidade de cada um. Então, disso eu trago muito de lá para minha sala de aula. Respeitando a individualidade de cada um, suas características, não impondo, porque, às vezes, você impõe limites e não dá certo. Você mostra, lógico, que tem que mostrar o que é certo e o que é o errado, mas você não pode dizer: “Eu quero que você faça só o certo”, porque aí, você está dando limites a uma criança e eu não acho muito legal dar limites. Você tem que deixar fluir. Tem que deixá-la crescer. P/1 — Fábria, conta pra gente como foi sua faculdade, como que você fazia pra estudar, você continuou estudando a noite e trabalhava de dia _____. conta pra gente como que foi. R — Eu trabalhava durante o dia e estudava a noite. Em 1997, casei e quase que eu perdi o período da faculdade por conta da chuva, transporte e a gravidez era de risco, mas, mesmo assim, estava todos os dias lá, fiel. Foi com muito sacrifício. Hoje eu vejo muito que todo mundo tem as coisas na mão e não valorizam. A minha foi com muito sacrifício. Muito, muito mesmo. Já pensou você chegar em casa, com sete meses de gravidez, o marido olhar pra você e você só ter lama: “Você não tem precisão de ir, você está com seis meses”, mas seis meses para ele não era nada e para mim era muito. Perder seis meses de um curso que eu vinha buscando há muito tempo e não sabia, vim descobrir depois. Então, eu não tranquei a universidade. P/1 — _____. R — Já, já dava aulas. É tanto que quando eu tinha que fazer estágio, eu já estava bem familiarizada, não tenho problema nenhum em falar em público, essas coisas eu gosto, nunca tive problema. Quando eu comecei dar aulas, para o estágio da universidade, nunca tive problemas. P/1 — E você poderia contar pra gente algum momento marcante desse seu período de faculdade? Uma história que tenha ficado? R — Na universidade, todos os períodos tiveram coisas significativas, coisas boas. E o período mais marcante que eu tive, foi o período da gravidez, né, porque era de risco, eu não podia sair, tinha que ficar em casa de repouso e eu arriscava e vinha, digo: “Seja lá o que Deus quiser, eu preciso ir, eu vou!”, então eu ia, por exemplo, tinha seminário hoje, aí, estava lá eu com aquele barrigão e todo mundo com aquela preocupação comigo. Foi o período que mais marcou mesmo, pela gravidez. Justamente por conta de eu não poder mais, mas,

mesmo assim, eu sentia o incentivo dos professores, a minha turma da sala, todos: “Não, não desiste não, a gente tenta te ajudar!”, e depois eles mesmos diziam: “Só que quem ajuda a gente é tu”, porque eles passavam o tempo todo programando uma coisa e quando eu chegava, eu dizia: “Não quero desse jeito não. Eu vou fazer assim, assim, assim”, e mudava o roteiro todo, como vocês fizeram hoje, né, mudava o roteiro todo! [risos], mas, foi justamente esse período, a gravidez que foi marcante comigo. P/1 — Daí, você falou que prestou concurso para professora aqui em Guarabira e como foi pra você essa decisão de fazer o concurso para professor? R — Porque eu tinha terminado o curso, _____ não ia abrir concurso e já estava como Agente Administrativo, aí, na época, eu vi assim, e eu digo: “Eu vou para arriscar, até para ver como é e qualquer coisa, eu desisto”. “Se passar”, ainda tinha essa! Eu dizia: “Se eu passar!”. Aí, fiz o concurso, tinha terminado o (lause?), escolhi a área de Educação Infantil, fiz e passei. Aí, comecei a lecionar em um sítio e, às vezes, tinha dificuldade de chegar, por conta do acesso à estrada, às vezes, faltava uma semana toda, porque não tinha acesso, mas fui me empolgando com a Educação Infantil que são momentos mágicos na vida de qualquer professor que passa por eles, [risos] e fui gostando, fui sendo incentivada, a Secretária de Educação sempre procurou o melhor para o professor e resolveu me transferir para cá, aí, fui encarregada pela Educação Infantil e estou até hoje com eles. Aqui na (Amec?) já vai fazer dois anos. P/1 — E como você chegou aqui e foi passando da Educação Infantil para os mais velhos agora que você está no Fundamental? R — Foi no ano passado que eu vim para Educação Infantil, só que teve uma professora do terceiro ano da manhã que tirou licença, a professora (Gracina?) e eu vim e ficava de manhã com o Ensino Fundamental e à tarde com a Educação Infantil. Aí, ficava com as duas turmas e este ano, a Diretora resolveu me deixar com o Fundamental, até por conta que voltar para Pilões seria mais fácil, tiramos o horário do almoço, que é o horário das cinco. P/1 — Quais são os desafios de você ser professora do terceiro ano? R — Não tem desafios. Assim, são séries diferentes, mas que merecem o seu cuidado, sua atenção como professora do mesmo jeito. A Educação Infantil requer um cuidado a mais porque são crianças de quatro ou cinco anos, mas, ao mesmo tempo, o Fundamental também exige, porque, às vezes, você pega adolescentes, então, os desafios são iguais e são poucos ao mesmo tempo. Não vejo como um desafio. P/1 — Como você é da comunidade e acompanhou o desenvolvimento da cidade, como que foi a chegada das fábricas na região? As fábricas da Camargo Corrêa, Alpargatas, isso trouxe alguma diferença pra região, para as comunidades? R — Trouxe e grande! Tanto para criança, porque tem muito pai de criança desempregado, consegue um emprego, então, já melhora a situação em casa e também o rendimento escolar do aluno. Então, esse vínculo, essa coisa que veio para cá, ele contribuiu muito na questão da educação no nosso Município. P/1 — Você participa de um dos programas que foi implantado depois pelo instituto. Você sabe como é esse programa Shidoku na Escola? R — Quando eu cheguei aqui na escola, o programa chegou primeiro que eu [risos] Ele já estava aqui implantado, mas, aí, aos poucos, o pessoal foi passando e a gente tem o projeto Ler, Prazer e Saber e também o jornal A Voz da (Amec?), são os dois que a gente tem da parceria. P/1 — E como foi para você, uma professora chegando de fora, ver uma escola com esses programas, como foi entrar em contato com eles, como foi essa experiência? R — No início, foi um choque. Nunca tinha visto. A gente sempre viu a questão do incentivo à leitura, mas nunca tinha participado de perto de um projeto tão grandioso e, ao mesmo tempo, de um valor sem igual como esse que tem na escola. E quando eu vi e que falaram, eu digo, nossa, vão falar do jornal e a gente vai produzir e, na época que eu entrei, já tem um jornal para produzir e eu digo: “Que jornal? Aqui faz jornal na escola?”, aí, foram explicar como era, as etapas e tudo mais e na hora eu olhei assim, e digo: “Nossa, eu não sabia que tinha! Será que eu vou conseguir fazer?” E depois que falaram como era, a gente foi pra sala de aula, eu fui trabalhar com os meninos e como já era o segundo jornal deles, tinha até uma certa relutância por parte deles, mas aí depois com o incentivo, cada um vendo quando chegou o primeiro jornal e cada um viu suas produções e o que o coleguinha via a produção do outro, aí, foi gerando aquela coisa assim, de querer fazer, de querer saber, de procurar ver, então, eu também no meio, porque eu estava, no caso, como uma aluna, porque também não sabia de onde eu vinha, ninguém nunca tinha ouvido falar, quando eu cheguei na escola que vejo isso, vi a biblioteca, os projetos que tinham, nossa, a gente começou a trabalhar em cima, e vamos incentivar os alunos e graças a Deus, até hoje, eles estão com esse estímulo que a gente tenta passar para eles. P/1 — E como foi pra você, como professora, passar para eles essa questão do jornal? Você passou por um processo de formação, tinha reunião de professores, como que é esse processo? R — Bem, a gente tem os planejamentos a cada 15 dias, então, o Maurício, a Sandra, a nossa diretora, ela é uma pessoa muito presente. É uma diretora que se faz presente, então, ela me chamou quando eu era novata com o Maurício, aí, foram conversando, foram me explicando, porque, até então, eu não sabia o que era o jornal, eu via a produção, mas eu não sabia como era. Então, ela foi explicando, foi dizendo e depois de oito dias ela me chamou, para saber se eu já tinha lido alguma coisa e me deu um material para eu ler em casa, perguntou se eu já tinha lido, se eu tinha alguma dúvida. Como você começa a ler e começa a gostar das coisas, então, foi fácil assimilar o jornal ao que elas queriam que a gente colocasse na sala de aula para os alunos. [troca de fita] P/1 — Você chegou a participar de algum processo de formação de professor pra fazer esse jornal? R — Não. Para fazer o jornal não. A gente participa do processo de formação, do planejamento, essas coisas que tem, mas, pra fazer o jornal em si, não. P/1 — E como funciona? Esses professores são treinados para fazer o jornal, não são? Vai alguém da escola, um representante? R — A supervisora pediu para o Maurício vir: “Vem e conversa com Sandra” e eles repassam para gente o que é pra fazer com os alunos? P/1 — Como multiplicadores? R — Como multiplicadores, então, a gente recebe as coordenadas e faz com que os nossos alunos produzam. P/1 — E o que você mudou na sua dinâmica de sala de aula para fazer com que eles produzissem o jornal? R — Ah, eu deixei eles à vontade! Livres! Porque assim, tinha o gênero bilhete: “Ah, então eu quero que vocês escrevam um bilhete pra tia Sandra”, que é a diretora. “Não, eu quero que você escreva um bilhete pra tia Roberta”, para alguém... não! Você faz um bilhete, para quem você quiser, que contenha o teor que você quiser, porque a produção, ela flui quando ela é livre, quando você não impõe: “Você tem que fazer isso!”. Até a gente adulto, quando diz assim: “Você só pode falar nisso”, fica limitado aquilo ali. Então, quando você limita é ruim para você criar. Então, o que eu deixei que eles fizessem e que a escola toda deixa, que eles têm que agir livres, que a gente não imponha limites neles, que deixe criar. Aquilo é produção deles, não é minha. Se fosse minha, então o jornal seria aos professores, mas é o jornal dos alunos, então, a produção tem que ser deles. A gente incentiva, a gente mostra o certo de um bilhete, mas, que as palavras sejam deles. A gente faz a correção da ortografia depois com eles, mas o sentido todo dos bilhetes é voltado pra eles. São eles que produzem, então, acho que a liberdade é fundamental para esse processo. P/1 — E como é o processo de produção? Você vai dar aula sobre como é o bilhete, eles produzem, como que funciona? R — Porque assim, a gente recebe, digamos, um mês antes, um exemplo. Às vezes mais, às vezes menos, então: “Fábia, hoje a sua turma vai ficar com produção de texto”, então, no nosso planejamento, a gente já vai fazendo e preparando o aluno para que ele faça. E vamos mostrando as etapas, como se faz uma produção e vamos encaminhando com todos os passos certos. Um dia a gente teve _____ culminância, porque, digamos, a gente tem que entregar amanhã, então, hoje: “Gente, hoje a gente vai tentar fazer nossa produção”. Então, é uma aula livre, entre aspas né, porque, digamos, ele tem que fazer uma produção, então, não é tão livre, mas, é livre porque eles podem escolher o tema que eles quiserem para fazer a produção deles. Então, a gente passa o mês todinho trabalhando com eles o processo e, no dia que a gente tem culminância na sala de aula, a gente faz com que cada um faça o seu e dentre eles a gente senta para selecionar o que vai _____ infelizmente, eu acho injusto, porque assim, [risos], era para ser mais.

_____ porque eu tenho 34 crianças na sala, aí, 34 crianças produzem e você só pode escolher um! P/1 — Um? R — E pra gente fica ruim, fica complicado, mas aí, a gente já vem, conversa com eles, eles sabem, então, a gente tenta também, assim, digamos, hoje o meu foi pra produção do jornal, então, eu já tenho que no próximo, mesmo que aquele seja o melhor, mas que não vá mais ele porque já foi de um aluno, então, vamos contemplar outro, porque estimula o aluno, então, eu só acho ruim porque o espaço é pouco para eles. [risos]. P/1 — E como é que chama o dia a dia? Culminância? R — Eu chamo na minha sala culminância, porque assim, a gente passa o mês todinho trabalhando como é que você vai fazer o jornal: “Bem, hoje vamos fazer uma receita”, então, a gente passa o mês todinho trabalhando o gênero receita, e traz uma de casa e conversa e tal e no dia, que eu digo que é a culminância, porque é naquele dia que as produções vão ser selecionadas para ir para o jornal. Então, a gente até diz: “Eita, é hoje! Que dia é hoje?”, eles já ficam empolgados e dizem: “tia, é hoje que vai ser?”, eu digo: “É hoje! Hoje a gente vai fazer!”, então, já traz folha diferente, deixa na sala, lápis, tudo, para que eles fiquem à vontade. P/1 — E como é nome da publicação daqui? R — A Voz da (Amec?). P/1 — E você sabe como foi escolhido o nome? R — Não. Isso aí eu não sei não. [risos]. Mas eu creio porque, quando se fala voz, um meio de propagar, e da (Amec?), porque é a instituição, né, o nome da escola, então, é o que faz a propagação dela, dos nossos trabalhos aqui na escola, para mostrar à comunidade. P/1 — E os alunos que não foram contemplados com o texto no jornal, acontece alguma coisa com essa produção deles? R — Ah, a gente guarda. Na minha sala tem também, não sei se vocês prestaram atenção, tem um quadro lá no final de uma parede, que foram algumas produções também. Eu tenho desenho livre, e eles fizeram e eu aproveitei com um menino da (marcenaria?), eu digo: “Juliano, vamos formar um quadro?”, e a gente montou. A gente vai guardando, chega no final do ano, a gente entrega. Reunião dos pais que tem na escola, a gente mostra: “Olha, o filho de vocês fez isso!”, e vai mostrando, porque, às vezes, muito relato, muitas coisas eles trazem de casa, contam experiência de casa e isso é importante, porque a gente lê e conversa com o pai, e pode ajudar ele de uma certa forma, porque, às vezes, são dificuldades que eles vêm passando. No jornal de dezembro, teve uma aluna minha, que ela perdeu o pai muito cedo, então, quando a gente pegou as produções [risos] para ler, a gente ficava com cara de choro e eu falava: “Tira da minha frente” porque, assim, era muito emocionante e a realidade de vida dela, porque a gente sabe, ela perdeu o pai dela cedo! Então, é a realidade de vida dela. Aí, pronto, teve esse relato dela que emocionou não só a mim como professora dela, como toda a escola e toda pessoa que pega o jornal e que lê, sente a veracidade da coisa, a emoção que ela tenta “butar”, ali. Que ela não só tenta, ela consegue, porque, quem lê _____ É numa edição do Natal, que ela pede para o Papai do Céu abençoar cada criança, porque ela tinha perdido o pai dela. E quando a gente começa a falar [risos], a emoção começa a fluir, porque a gente sente o que ela tenta escrever. P/1 — Que ela tinha um espaço ali, pra ela _____ R — Colocar. São coisas que este jornal vem trazendo, experiências novas que toda edição que sai, a gente tem uma experiência nova, a gente tem uma coisa pra relatar, a gente tem uma coisa boa pra dizer. P/1 — E como são os momentos de lançamento desse jornal? Tem algum evento que junta com a comunidade? R — Bem, quando chega o jornal, a gente reúne todos os meninos na capela, tem aquele momento de oração que todo mundo vivencia e depois é feita a entrega, a leitura, mostra as produções, todo mundo junto. Depois, eles levam para casa para ler para os pais. Nas reuniões de pais também que é feito aqui, às vezes, a cada quinzena, uma vez por mês, sempre tem reunião com eles aqui, então, é mostrado também aos pais o que os filhos deles _____ P/1 — Qual foi a sensação de ver o primeiro jornal que a sua turma participou, pronto? R — Foi a turma de Educação Infantil, nossa! Os meus olhos brilhavam! Mas, brilhavam mais os dos meninos que tinham feito a produção. E na Educação Infantil, eu sempre tentava fazer com que todos participassem. Assim, um texto pequeno, porque eram crianças de quatro, cinco anos, então, eles não tinham a noção da leitura, mas, tinham a noção do sentimento, a noção da ideia do que a gente queria colocar ali, da colagem, da pintura, porque, a gente sabe que através de uma colagem, de uma pintura, de um desenho, as crianças expressam os seus sentimentos. Nas edições, cada uma tem a sua contribuição, então, eu nunca deixei a Educação Infantil _____ a não ser que o aluno no dia da culminância não estivesse, mas, se estivesse, então, ele estava ali participando também. Todas as produções tinham os nomes da Educação Infantil, então, os olhinhos deles quando veem os nominhos deles: “Ah, olha o meu nome no jornal!”, “Tia, o meu pai viu o meu nome, levou para uma pessoa ver!”, “Ah, o meu pai levou o meu jornal para o centro!”, “Fulano viu!”, então, isso é muito gratificante! [pausa] P/1 — Qual a importância e a adesão da comunidade escolar? Os pais ficam sabendo? R — Ficam. Os pais sabem. É como eu digo, a Sandra, a diretora, ela é muito presente, tanto na escola como também, ela quer que os pais participem. Então, todos os eventos que ela faz aqui, os pais são chamados, são comunicados. Eu já passei por várias escolas e aqui, se ela mandar chamar agora, 20 mães, quando você olhar, tem 50, 100 aqui dentro. Porque, quando ela diz assim: “Eu quero falar com as mães”, as mães estão todas aqui participando. Tá certo que têm algumas que não podem vir, com algum problema, alguma coisa, mas sempre que podem, elas estão aqui. Então, sempre que faz o jornal, ela repassa também: “Olha, o seu filho chegou com o jornal em casa, procurem ler, procurem ver com ele, ver o que ele fez!”, tanto, que a gente guarda os trabalhos dos meninos, para depois entregarem aos pais o que foi feito. P/1 — Por que esse programa do jornal é importante para a escola? R — Nossa! Ele é importante em todos os sentidos que você possa imaginar! Primeiro, ele é importante porque é um incentivo à leitura e à escrita. Depois ele é importante pelo meio da propagação, pelo meio da divulgação daqui da escola, porque, assim, tem tanta coisa que acontece aqui que o pessoal lá fora não sabe, né, então, é através dele que a gente consegue colocar um pouco do que se passa aqui dentro pra mostrar para as outras pessoas lá fora. E até a questão da gente trabalhar com um aluno na sala de aula, porque estimula mais. Cada um quer ver o seu nome no jornal! Cada um procura fazer o melhor: “Eu vou produzir o melhor, porque esse vai ser o meu! Eu quero ver o meu nome!”, “Tia, você vai colocar o meu nome agora?” Então, ele é de suma importância dentro da escola. É até impossível falar da importância dele. P/1 — E quais são os resultados que você pode perceber, na sala, com os alunos de ter esse jornal, esse programa? R — É porque assim, vocês não vivenciam, né? É até interessante, porque, quando a gente fazia a entrega, geralmente a gente faz a entrega 10 e 30 e depois libera eles para irem pra casa. Mas, no outro dia quando a gente chega, que a gente vai passando aí na frente, o corredor já está lá com cada um com o jornalzinho na mão lendo: “Olha isso aqui, o que aconteceu!”, “Não, olha esse aqui!”, cada um está divulgando, tá lendo! Aí, durante a semana toda é aquela novidade, né? “O jornal chegou, vamos ler, vamos ver o que está acontecendo _____”, então, assim, ao mesmo tempo em que eles estão felizes porque estão com aquela edição na mão, a gente está feliz também, porque está estimulando a leitura. Está fazendo com que o aluno acredite que ele pode ler bem. Antes a gente tinha aqui um problema sério com a leitura. Eram desmotivados. E com a chegada do jornal, eles começaram a ter um estímulo maior dentro da escola e fora dela também. P/1 — E você sabe dizer qual a diferença do aluno antes do jornal ou então, das suas experiências com alunos que não tem essa atividade para os alunos que têm essa atividade. Você percebe alguma diferença? R — Tem diferença da leitura, tem diferença na dicção, no falar com eles, na escrita melhorou bastante. Em todos os sentidos que você pode imaginar, ele trouxe uma melhora, uma contribuição grande, agora, não é aquela contribuição, assim, é aquela grande mesmo que, às vezes, a gente não tem ideia do que está acontecendo naquele momento, porque é grande mesmo a contribuição que ele vem dando na escola. P/1 — E você acha que tem diferença no comportamento, na aprendizagem dos alunos? R — Tem. Tem diferença e muita! Porque, assim, à medida que eu estou explicando passo a passo do jornal, se você não presta atenção, você vai fazer uma produção boa? Não vai. Mas, à medida que você quer que a sua produção vá para o jornal, você presta atenção,

então, ele se concentra mais, ele para mais, escuta mais e interage mais. Então, o jornal faz com que o aluno pare e pense, ao mesmo tempo em que ele, digamos assim, ele cria, ele inova o seu modelo de escrever, né? Porque, às vezes, você tem uma coisinha besta ali, mas aí, a gente colocou no quadro, então, ele vê que o certo é daquele jeito e vai procurar ver se as outras palavras que ele escreveu estão certas também. É tanto, que tem aluno que recorre ao dicionário quando recebe o jornal, para ver o que está escrito ali, o que é, o que significa, e isso pra gente é gratificante. P/1 — Qual o desafio da produção desse jornal? O que demora mais tempo, onde demanda mais trabalho para você fazer esse jornal? R — Não, na questão da produção aqui não, porque a gente tem todo o apoio, também na sala de aula a gente tem com os meninos, e acho que só as publicações é que demoram [risos]. É a cada trimestre, eu creio. É, que a gente já está na sexta edição, já vai fazer a sétima _____ a cada trimestre. P/1 — E o que a sua sala está trabalhando hoje para contar no jornal? R — A gente trabalhou o gênero bilhete. Agora a gente está esperando, porque a publicação já foi, a gente já mandou, mas não chegou ainda o jornal. Estou esperando chegar e aí já vem com as coordenadas para montar o próximo. Aí, a gente passa mais um mês ou, às vezes, mais que um mês trabalhando o jornal pra fazer acontecer. P/1 — E como é esse momento de expectativa de chegada do jornal? Por que, já foi? R — Já. P/1 — Ele está fechado. R — Já está fechado. Eu acho que até já está pronto, uma parte _____ para os meninos é que não chegou ainda. Ah, eles ficam curiosos, porque querem ver de quem foi a publicação: “Tia, o nome foi de quem?”, e a gente também não diz, para não ter aquele desinteresse: “Ah, tu só botou o nome de fulano!”, não, a gente deixa chegar na hora para que seja um momento surpresa para eles. Então, fica aquela expectativa, aquela especulação: “Ah, tia, o jornal chega quando?”, “Tia, quando que a gente vai pra capela para receber o jornal?”, “Tia, eu quero mostrar o jornal a minha mãe!”, aí, teve algumas caminhadas, aí, no jornal, vai vir a foto da caminhada e a gente sempre coloca as coisas de acordo com a realidade deles. Tudo que é produzido no jornal é produzido aqui dentro da escola. P/1 — E qual é o maior benefício desse programa? R — Desse programa? É o incentivo à leitura! Minha avó sempre dizia assim: “Que quem não gosta de ler, não sabe escrever!”, e eu creio nisso também, porque, assim, à medida que eles se empolgam para ler, para receber esse jornal, a escrita deles também melhora para gente. Então, o maior incentivo, fora que é um veículo de informação, entre todas as outras coisas que vem, é o incentivo à leitura e à escrita dentro da sala de aula. P/1 — E falando desse incentivo à leitura que a escola também recebeu o outro programa que foi o da leitura? R — Da leitura. P/1 — Como que foi a chegada dessa doação de livros, tem a mediação de leitura _____ como que esse projeto foi recebido pela escola? R — Nossa! Foi uma semana de festa! A gente sempre faz uma semana de projetos, devido a esse que a gente participa, projeto de leitura e quando a biblioteca chegou, foi uma semana de festa! Na praça com produção deles, poesias, poemas que eles faziam, com os livros, a leitura, pecinhas teatrais, eles lendo ao mesmo tempo em que iam tentando dramatizar ____ Foi assim, a gente diz que uma das melhores contribuições que a gente recebeu até hoje, está vindo do instituto, que é o incentivo à leitura. P/1 — Você já estava aqui quando chegou essa biblioteca? R — Já. P/1 — Como que foi essa chegada? O que isso mudou na realidade escolar? R — Tudo que veio mudou na questão da leitura. E assim, eu digo pelos meus alunos do ano passado, eles procuraram querer mais os livros, porque os livros que chegaram à biblioteca são riquíssimos, tanto os da Educação Infantil, que era do ano passado, como o terceiro e quinto ano. Quer dizer, a escola de um modo geral. Porque, quando a gente parte para a Educação Infantil, eles abrem os livros na biblioteca, estão aquelas figura, aquilo colorido, ele não sabe ler, mas sabe ler as imagens, faz a leitura de imagens. Então, os olhinhos da criança brilham, aquele momento mágico. Já a turma que já lê alguma coisa, tenta ler. Se você passar por esses corredores, você vê os meninos que, antigamente, era briga daqui, briga dali, hoje não, eles passam mais tempo lendo. A gente trouxe também para a sala de aula alguns livros, então: “Vamos hoje fazer a leitura de um livro. Vamos interpretar!”, e vai ajudando eles na leitura. P/1 — E são feitas leituras coletivas? R — São feitas leituras coletivas, individuais. A gente gosta muito assim: “Escolhe um livro. Ah, então vamos hoje lá na sala da tia Roberta!”, então, trago dois três da minha turma, para ler aqui, dois três da outra turma e a gente vai dividindo as turmas. A mesma coisa a Roberta, pega a turma dela: “Fábia, hoje um menino vai ler um poema aqui!”, e pega o livro e ele lê um poema na minha sala, depois vem outro, vai para outra sala e assim, a gente vai promovendo a leitura aqui dentro. “Não, hoje vamos ler pra tia Sandra?” Aí, a gente corre lá na Direção e bota dois meninos pra ler na Direção! Na Marli, a merendeira, “vamos lá na Marli fazer leitura pra Marli! ____” P/1 — Porque não adianta ter só a biblioteca, o professor tem o seu papel de importância? R — De importância ____ P/1 — Qual é a importância do professor nesse processo? R — A importância dele é incentivar o aluno. Não basta só eu dizer assim: “Você tem que ler.”, como dizer só que você tem que ler? Que meios eu estou fazendo para que você leia? Em que eu estou lhe ajudando? Então, você tem que rever sua metodologia para ajudar aquele aluno a ler, para que ele pegue um livro dizendo: “Eu vou ler para a Marli hoje, porque a minha tia pediu e ela disse que é bonito eu ler!” Então, o professor é um incentivador e, ao mesmo tempo, ele capacita o aluno a adquirir esse gosto pela leitura. Porque eu acho assim, que a leitura não é só você chegar, colocar o livro lá e dizer que “você vai ter que ler isso”. Não. Você tem que estimular o aluno a querer descobrir o que aquele livro está dizendo e que ao mesmo tempo ele repasse para algum coleguinha. É muito bom quando você pega o aluno, então, por exemplo, eu trago um aluno do terceiro ano pra cá, aí ele olha pra mim e diz assim: “Tia, eu vou ler no quinto ano?”, quer dizer, para ele, ler para os meninos aqui é muito bom! Por que? Está certo, ele está aprendendo, mas está lendo para uma turma de adultos. Você faz a festinha de mães na escola e bota o menino pra ler. Uma reunião, traz um filho para ler. É muito gratificante para a gente! Então, a nossa importância é de incentivador para que ele nunca deixe e para que a cada dia que passe ele pegue o gosto pela leitura. E eu sempre digo às meninas [risos], “Gente, a gente só incentiva a gostar da leitura, quando a gente gosta. Porque eu não posso chegar e dizer assim: Você vai ler, Alí Babá e os Quarenta Ladrões”, mas se eu nunca li! Como que eu posso dizer que ele vai ter que ler?” Eu acho assim, antes gente tem que ler. “Gente, olha, esse livro é muito bom!”, aí você vai dizer o que tem no livro, contar toda a história e fazer com que a criança sinta vontade, a necessidade de ler aquele livro pra descobrir o que ele tem, então, eu acho que esse é o nosso papel, a nossa importância de incentivar. Além de ser um formador, um incentivador, mudando, muitas vezes, a nossa prática educativa, quer dizer, sempre melhorando e inovando. P/1 — Quais são suas expectativas em relação a essa parceria, essas atividades? R — As melhores, né? Primeiro, que não acabe! [risos]. Que ela sempre consiga trazer esse processo de instigação, que instiga o aluno na busca do conhecimento, porque eu vejo esse projeto como isso. Não é só um projeto que fica ali no papel, é um projeto que funciona. Está certo que para funcionar ele precisa da gente, mas se fosse só a gente, ele não chegaria onde está. Então, que ele continue, que a cada dia que passa, ele vá aprimorando e procurando ver com a gente, professores, e a equipe que eles têm, que o aluno passe a buscar, a sentir prazer em ler. O incentivo do projeto já é grande e que, se possível, mais e mais e mais e que nunca deixe isso morrer, porque eu acho que aí, vai embora muita gente sem informação, sem esse prazer, sem esse gosto que ele passa que é o da leitura. P/1 — E qual é o seu sonho enquanto educadora? R — Meu sonho como educadora... é que os meus alunos tenham o mesmo gosto que eu, o de ler. Eu gosto de ler, eu leio por prazer! Que eles interajam mais, participar mais, eles participam muito, mas que sempre eles busquem o mais, eles nunca parem no tempo! “Não, eu já sei ler, então eu não vou querer mais ler!”, não. Que eles sempre busquem o mais, o mais, o mais, porque nunca é pouco para o que você sabe, né? Nosso conhecimento não é limitado. Então, como educadora, eu queria que eles sempre buscassem o mais, o mais, o mais, o melhor, que eles leiam, leiam, leiam e sempre ler! Eu acho que é aí que nós estamos formando pessoas críticas, cidadãos críticos, através da

leitura, através do jeito que você se expressa. P/1 — Agora voltando um pouco pra parte mais pessoal, você falou que tem uma filha. Quantos filhos você tem? R — Tenho dois. Um casal. Uma de nove anos e um de cinco. P/1 — Qual o nome deles? R — Brenda e Breno. P/1 — Certo. E como que foi ser mãe? Você falou que foi um momento complicado, que a gravidez foi de risco _____. R — Foi. Assim, eu já era mãe, né, porque eu digo que, a partir do momento que você assume uma sala de aula, ser mãe, só que você é mãe de muitos e você ser mãe de um, é diferente. Mas, graças a Deus, o hábito que eu tenho, eles têm também, porque eu tenho um menino de cinco anos e ele não tem o domínio da leitura, mas, todas as noites, antes de eu dormir, eu tenho que apagar a luz do quarto dos dois, porque cada um está com um livrinho do lado lendo. Eu tenho esse hábito até hoje. Eu só sei dormir depois de uma leitura, por pequena que seja, mas eu tenho que primeiro ler, pra depois dormir e ela tem esse hábito também. E não tenho problema porque vejo que ela se espelha muito em mim, então, nessa parte de leitura não vou ter problema com ela. Nem com ele também, né? [risos]. P/1 — Como que você concilia todas as suas atividades no dia a dia? Você vem para cá cedo... R — Venho. Eu saio de casa às seis e meia da manhã, chego aqui às sete, quando chego, vou pra sala de aula, pouco tempo que a gente tem de lanche, mas, ultimamente, a gente está ficando muito tempo na sala, numa leitura, às vezes, numa brincadeira, uns jogos que a gente tem, um dominó, com palavras, essas coisas, aí, eu estou passando mais tempo na sala também. A escola toda _____ que aí, no recreio eles lancham e a gente já volta pra sala. Quando chego à tarde, vou ver o que é a aula de amanhã, preparar, deixar prontas as atividades, porque à noite eu saio pra trabalhar. P/1 — Quais são essas suas atividades noturnas? R — A biblioteca. Trabalho numa Biblioteca Pública Municipal, que é com leitura também, né? [risos]. Então, quando o pessoal chega lá: “Fábia, qual livro que tu indica? Hoje eu quero ler um romance. Que romance bom tu indica?” E como eu já li muita coisa, então, tem vários livros que eu gosto, em especial, O “Pequeno Príncipe”, que eu acho que esse fica com todo mundo, né, e tem vários livros que eu gosto, e eu saio indicando o pessoal para ler e, às vezes, um diz: “Gostei!”, ou “Não gostei muito da leitura!”. Machado de Assis, não é todo mundo que gosta, mas eu gosto. P/1 — Qual foi o último livro que você leu ou que você está lendo agora? R — O último que eu li foi “Os Miseráveis”, de Victor Hugo e agora eu estou lendo dois, um de Arnaldo Jabor e o outro é Senhora. Eu já tinha lido José de Alencar e estou lendo de novo. Só que eu dou uma lida numa página hoje, aí, dois, três dias sem pegar a ler, porque eu faço uma Universidade Virtual pela UFPB, Pedagogia, então, quando eu chego depois das dez em casa é o tempo que eu tenho pra ir à página da Universidade, acessar, ver minhas atividades e fazer a leitura. Aí, ultimamente, os livros que eu mais estou lendo, são os de Pedagogia, [risos], voltados à disciplina. P/1 — Bom Fábia, pra ir terminando, quais são as coisas mais importantes pra você hoje? R — Hoje? Meus filhos e a minha profissão. P/1 — E qual foi um momento de desafio na sua vida? Você teve alguma dificuldade, mas que você foi em frente, superou _____ qual foi esse momento? R — Da dificuldade _____ ah, acho que foi ano passado, porque eu me separei recentemente e a questão das crianças ficarem sozinhas, sozinhas não, porque tem uma pessoa, mas, sozinha sem a mãe e sem o pai em casa. Então, eu ainda pensei duas vezes em deixar a profissão e tirar uma licença, mas aí, o incentivo da minha filha, às vezes, eu digo que ela é muito adulta pra idade dela: “Mainha, a gente já está grande, eu fico em casa, (a Elza está em casa?), deixa não Mainha!”, e a gente foi tentando pra superar, tanto que hoje eu ainda estou aqui, mas é muito na questão de não deixá-los sozinhos, porque eu fiquei com medo, né? São duas crianças e é justamente nesse período da infância, porque a gente que é professora, a gente passa pelo cuidado de educar, e eu fiquei com medo de ficar ausente também como mãe, mas, graças a Deus, deu pra conciliar. Quando dá também: “Tem isso, então vamos para a escola!”, eu trago eles, eles passam o dia por aqui _____ normal. P/1 — E Fábia, como foi pra você contar um pouco da sua história para a gente? R — Ah, eu estava com medo! P/1 — O que você achou? Gostou? R — Adorei! Por mim eu falava o dia todinho! [risos]. Adorei! E principalmente o jeito que vocês têm, de deixar a gente bem à vontade, como a gente faz na sala de aula, né, com os nossos alunos. Eu gostei! P/1 — Então está bom. Obrigada! R — De nada. -----FIM DA ENTREVISTA-----